Capítulo 3

O movimento sionista após Herzl (1904-1914)

Alexandre Lissovsky

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LISSOVSKY, A. *2000 anos depois: o renascimento de Israel* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. O movimento sionista após Herzl (1904-1914). pp. 95-111. ISBN: 978-85-7982-003-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

CAPÍTULO 3

O MOVIMENTO SIONISTA APÓS HERZL (1904-1914)

Se o judeu tem razão, é espancado ainda mais.

Provérbio Lídice

Com a morte de Herzl ficou a Organização Sionista, durante algum tempo, praticamente acéfala. Era uma perda quase irreparável, não só por ter sido Herzl o fundador e líder incontestado do movimento, mas também porque quase todas as esperanças de uma rápida consecução dos objetivos do sionismo se achavam concentradas em sua pessoa. Contudo, o fato do movimento sionista ter podido sobreviver a tão grave crise veio demonstrar cabalmente – e ao mesmo tempo dar razão a Herzl, que o mantinha como uma de suas convicções mais firmes – o seu valor intrínseco, independente e acima de qualquer indivíduo.

Não era fácil encontrar um sucessor à altura de Herzl. Pensou-se no Dr. Max Nordau, figura prestigiosa e respeitada, dentro e fora do movimento. Nordau, porém, recusou, alegando motivos de saúde (particularmente, em conversa com Wolffsohn, confessaria que um dos principais motivos que o levaram a não aceitar a chefia era o fato de sua esposa não ser judia).

Enquanto isso andou pela África Oriental, estudando as condições e possibilidades do território sugerido pelo governo britânico, uma comissão científica cujas despesas – cerca de duas mil libras – foram pagas pela Sra. E. A. Gordon, uma amiga cristã do movimento sionista (isso porque os delegados oposicionistas haviam conseguido incluir, na resolução aprovada pelo 6º Congresso, uma cláusula estabelecendo que nenhuma parcela dos fundos da Organização Sionista poderia ser desviada para a África). Os

membros da Comissão divergiram em suas conclusões: o chefe, major Gibbons (perito colonial inglês), era de opinião que, com paciência e perseverança, seria possível acomodar até 20 000 agricultores; os dois membros judeus, entretanto, consideraram a região inadequada à colonização judaica.

Chaim Weizmann, por sua vez, empreendeu uma investigação por conta própria, mas em Londres. Quis ele verificar pessoalmente o que havia, do lado britânico, por detrás do projeto. Conversando com Sir Harry Johnston (famoso explorador que conhecia bem aquela parte da África), foi por este informado de que uma colonização em larga escala seria absolutamente impossível, e que além disso os colonos ingleses que lá se encontravam resistiriam a qualquer tentativa de imigração judaica; donde, em sua opinião, ser praticamente nulo o valor da oferta britânica.

Esteve Weizmann também com Lord Percy, subsecretário de Estado para Assuntos Estrangeiros. Disse-lhe este não compreender como os judeus poderiam até mesmo pensar, para seu ressurgimento como nação, em qualquer país que não fosse a Palestina acrescentando que, se fosse judeu, “não daria nem um vintém por essa proposta!”

Foi ainda sob um ambiente de tensão e expectativa quanto ao “projeto de Uganda” que se reuniu em Basileia, de 27 de julho a 2 de agosto de 1905, o 7º Congresso Sionista. Mas além desse problema havia outro, importantíssimo, a ser resolvido: o da chefia do movimento.

Ocupava a presidência o Dr. Max Nordau, que em dramático discurso rendeu tributo à memória do líder desaparecido:

Senhoras e senhores. – O Congresso Sionista reúne-se pela primeira vez sem aquele que o criou... A mim, seu colega devotado desde as primeiras horas, coube a melancólica tarefa de dedicar, desta plataforma, por ele erguida e que constituiu um de seus eternos serviços, algumas palavras à memória de nosso chefe falecido.

...A 3 de julho do ano passado Theodor Herzl fechou seus olhos para sempre. No dia de sua morte excedera seu 44º ano de apenas dois meses. A tremenda explosão de desânimo, o prolongado paroxismo de dor, que constituíram os milhares de ecos da notícia do seu passamento, mostraram a extensão do que ele significava para seu povo. Aos 35 anos, quase desconhecido pelo povo judeu, tornara-se nove anos depois seu orgulho e sua esperança.

E após lembrar com emoção passagens da vida de Herzl e comentar demoradamente sua extraordinária personalidade, Nordau concluiu:

Herzl era um gênio de força de vontade. A força de vontade era o elemento principal de sua grande personalidade... As concepções políticas e projetos diplomáticos que desenvolveu durante os nove anos de sua liderança bastariam para assegurar a imortalidade de dez ministros de um Estado comum. “Sim”, ridicularizam seus oponentes, “admitimos que foi um fantasista prolífico”. No entanto, eu respondo com Herzl: “Se o quiseres, não será um sonho”.

Nosso povo teve um Herzl, mas Herzl nunca teve um povo. Isso não o desvaloriza, mas lança uma mancha sobre nós... Herzl foi um modelo e um educador. Ele endireitou as costas de um povo alquebrado. Deu-lhe esperança, mostrou-lhe os meios. A semente germinará, e seu povo colherá os frutos.

A homenagem a Herzl foi a calma que precedeu a tempestade. Esta se desencadeou, conforme previsto, logo que entrou em pauta o projeto de Uganda. Durante os prolongados debates foi grande a exaltação, e não poucas vezes viu-se o Congresso na iminência de ser suspenso. Dois grupos (ambos relativamente pequenos) batiam-se pela aceitação da oferta britânica: um liderado pelo escritor inglês Israel Zangwill, e outro que se denominava sionista-socialista – chefiado pelo russo Nachman Syrkin.

Na resolução finalmente aprovada declarava-se que a Organização Sionista aderiria ao princípio básico do Programa de Basileia e rejeitava quaisquer atividades colonizadoras fora da Palestina e regiões adjacentes; os mais sinceros agradecimentos eram expressos ao governo britânico por sua generosa oferta de um território autônomo, manifestando-se a esperança de poder contar novamente com os bons ofícios desse governo para algum projeto futuro que estivesse de acordo com o Programa Sionista.

Ao ser proclamado o resultado da votação, os delegados favoráveis à oferta britânica retiraram-se do Congresso. Syrkin, antes de sair, pediu a palavra (que lhe foi concedida por Nordau em meio a grande tumulto), qualificando a resolução aprovada como “infeliz” e “contrária aos melhores interesses do povo judeu”; e aduziu:

Os sionistas-socialistas veem na fixação do programa sionista na Palestina uma limitação de fato e de princípio do sionismo, pois a Palestina não pode oferecer as condições mínimas para realização do

nosso objetivo, e resultará numa colonização em pequena escala e consequências indesejáveis semelhantes. Isso estreita o âmbito do nosso movimento de libertação e está em profundo conflito com os interesses do proletariado judeu e das massas judaicas. A fixação na Palestina expressa o tradicionalismo moribundo de setores retrógrados e destituídos de objetivos dentre as massas judaicas, bem como da seção nacionalista reacionária da *intelligentsia* judaica.

(Esta última afirmação foi recebida com exclamações de “*Pfui!*” – interjeição alemã habitualmente usada em relação a coisas sujas – o que levou Nordau a observar: “*Pfui* não é uma expressão parlamentar”.)

Os que então se retiraram do Congresso cindiram-se igualmente da Organização Sionista, e, sob a chefia de Zangwill, fundaram a Jewish Territorial Organization, com sede em Londres, tendo por programa o estabelecimento de um território judaico autônomo em qualquer parte do mundo¹.

Em relação ao problema da liderança ficou resolvida a eleição de um novo Executivo Central, de sete membros, ao qual caberia escolher o presidente da Organização.

Nesse 7º Congresso já se podia notar, dentro da Organização Sionista, uma ascendência dos chamados “sionistas práticos”; davam eles primazia ao trabalho prático de colonização, considerando secundárias as negociações políticas. Assim foi decidido que embora uma colonização não sistemática ou puramente filantrópica devesse ser evitada, deveriam ser tomadas medidas adequadas para o desenvolvimento da agricultura e da indústria palestinoses e para o progresso intelectual dos judeus ali residentes. Quanto à compra de terras pelo Fundo Nacional Judaico, ficou estabelecido que só seria admitida em bases estritamente legais.

Tendo sido Nordau obrigado a retornar urgentemente a Paris antes do término do Congresso, este foi encerrado pelo seu vice-presidente, David Wolffsohn, o qual declarou que, havendo o Congresso reiterado o Programa de Basileia, considerava superada a crise no Sionismo. E concluiu com as seguintes palavras:

¹ A ITO (como era vulgarmente designada a organização de Zangwill) negociou com vários governos (entre os quais Canadá e Austrália), e realizou expedições em Cirenaica e Angola, sempre com resultados negativos. Foi dissolvida em 1925.

Meu lema é: Paz, paz a todos, longe e perto. Somos todos filhos do mesmo povo. Sofremos todos juntos, e é somente pela união que, com a ajuda de Deus, conseguiremos vencer.

No último Congresso fez Herzl o juramento: “Se eu te esquecer, ó Jerusalém, que minha mão direita perca sua destreza!” Eu o jurei, em nome dos sionistas de todo o mundo, em nossa hora mais grave, junto ao túmulo de Herzl. Nós agora o repetiremos e jamais esqueceremos Sião, nem jamais esqueceremos Herzl.

Para o Executivo Central haviam sido eleitos: David Wolffsohn (de Colônia), Leopold Greenberg (Londres), Alexandre Marmorek (Paris), Jacobus Kann (Haia), Menahem Ussishkin (Yekaterinoslav, hoje Dnepropetrovsk), J. Kohan-Bernstein (Kichinev) e Otto Warburg (Berlim)².

Para a presidência da Organização Sionista o Executivo Central escolheu um de seus membros: David Wolffsohn³. Consequentemente, a sede do Executivo Central foi transferida de Viena para Colônia. Embora longe de possuir o brilho e a personalidade magnética de Herzl, revelar-se-ia Wolffsohn um líder consciencioso e enérgico, devotando-se com um zelo verdadeiramente excepcional ao desenvolvimento e consolidação do sionismo⁴.

Pouco depois de ter Wolffsohn assumido a presidência repetiram-se em diversas localidades da Rússia (outubro de 1905 a julho de 1906) as matanças indiscriminadas de judeus, sobre os quais, procuravam elementos reacionários lançar a culpa pelas derrotas russas na guerra russo-japonesa⁵.

² Destes, os três últimos eram “práticos”; Marmorek, Greenberg e Kann eram “políticos”, enquanto Wolffsohn ocupava uma posição intermediária.

³ É provável que se coubesse ao próprio Herzl escolher um sucessor, sua escolha teria sido a mesma. Em carta a Wolffsohn, que Herzl recomendou fosse aberta apenas após sua morte, escreveu: “Conto com você para que me permaneça leal além do túmulo. Sempre o considere como aquele que me é mais leal”. E em seu testamento expressou o desejo de que sua filha mais moça fosse adotada por Wolffsohn.

⁴ Relatam seus contemporâneos que, quanto ao aspecto exterior (e principalmente na gesticulação e modo de falar), passou Wolffsohn após a morte de Herzl a apresentar notável semelhança com seu antecessor, e isso de maneira tal que chegou certa vez a assustar a viúva de Herzl. Atribuiu-se isso a um processo talvez inconsciente, causado pela intensa admiração que Wolffsohn nutria por aquele que era seu ídolo.

⁵ Os pogromes na Rússia podiam de certo modo ser considerados endêmicos, e as autoridades não hesitavam em recorrer aos mesmos sempre que lhes conviesse. Assim em Odessa, em julho de 1905, por ocasião do famoso motim dos marinheiros do *Potemkin*, o

Numerosos atos de vandalismo foram cometidos por membros de sociedades terroristas vulgarmente conhecidas como “Centenas Negras” (formadas por desordeiros e elementos da polícia, e utilizadas pelo regime czarista como arma contra radicais, liberais e principalmente judeus). Esses pogromes deram novo impulso à emigração judaica na Rússia. A Organização Sionista procurou auxiliar os refugiados e regular a emigração, mas seus esforços esbarraram na hostilidade da Alliance Israélite Universelle e outras instituições filantrópicas cujo auxílio os dirigentes sionistas haviam solicitado.

O movimento sionista, entretanto, mantinha-se em franco crescimento, continuando sua propagação pelas várias partes do mundo; tornava-se mesmo respeitado e até importante. Quando Wolffsohn, a conselho médico, realizou em fins de 1906 uma viagem de repouso ao continente africano, foi recebido, como presidente da Organização Sionista, com honras extraordinárias na África do Sul, levando um jornal a comentar que “nem Joe Chamberlain teve aqui uma recepção como a de David Wolffsohn”. Em Joanesburgo, o dia de sua chegada foi feriado escolar, sendo ele aguardado, na estação ferroviária completamente encoberta por bandeiras sionistas, por milhares de pessoas e uma banda militar; e depois de uma guarda de honra lhe ter apresentado armas foi saudado pelo prefeito da cidade. Recepções oficiais foram também realizadas em Pretória e na Cidade do Cabo. (É claro que não era apenas o homem que estava sendo homenageado, mas principalmente a ideia que ele simbolizava).

As cenas mais comoventes – e comoventes até por sua ingenuidade – ocorreram em pequenas localidades. Um exemplo será suficiente. Numa minúscula estação – apenas um pedaço de plataforma sem cobertura – um judeu com seus três filhos vestidos de azul e branco aguardavam a passagem do trem que conduzia Wolffsohn. O trem parou, e Wolffsohn ouviu daquele homem modesto as seguintes palavras: “Sr. presidente, a comunidade judaica inteira veio saudá-lo. Sou o único judeu aqui. Estas são as minhas crianças. Sr. presidente. Olhem, crianças; este é o seu rei. Nunca

governador militar da cidade, general Kokhanov, num momento crítico em que turbas enfurecidas caçavam nas ruas grupos isolados de cossacos e policiais e começavam a ser saqueados os armazéns da zona portuária, ordenou a imediata realização de um pogrome. Narra Richard Hough: “Poucos minutos depois de terem recebido suas ordens, os agentes de Kokhanov já estavam trabalhando, cada qual em seu respectivo perímetro, instigando todos aqueles que se encontravam nas ruas a atacar os judeus e pilhar seus bens”.

se esqueçam de que o viram”. (Não se pense, e porém, que esse tratamento de “rei” era apenas excesso de entusiasmo de um correligionário arrebatado, pois um grande jornal de Joanesburgo publicou na primeira página, com letras garrafais, o cabeçalho “O Rei Judeu sem Coroa no Transvaal”).⁶

No ano de 1907 o fato marcante na história do sionismo foi a realização (de 14 a 21 de agosto) do 8º Congresso, em Haia. Escolheu-se, em vez de Basileia, essa cidade holandesa por estar-se realizando ali, na mesma época, uma conferência internacional de paz e desarmamento: a 2ª Conferência de Haia (na qual participou, como delegado do Brasil, Rui Barbosa).

Wolffsohn abriu o Congresso com um relato sobre o que já havia sido possível realizar na Palestina – criação de indústrias novas, assistência a instituições educacionais, etc. Em seguida falou Nordau, fazendo um apelo aos representantes das 44 nações reunidas na Conferência da Paz:

...A solução da questão judaica põe à prova toda a civilização humana. Baseia-se a civilização num certo número de princípios fundamentais que não podem ser abalados ou derrubados sem que isso provoque a queda de toda a estrutura. Esses princípios são: respeito pela vida humana, punição dos crimes contra a propriedade e as pessoas, igualdade de todos os cidadãos perante a lei – ou, numa palavra, justiça.

Enquanto existir uma questão judaica, a civilização será uma mentira, e qualquer conferência diplomática para codificação de leis de civilidade e humanidade será uma farsa.

(O apelo de Nordau foi ignorado pelos delegados à Conferência.).

Grande parte das discussões foi tomada por um debate – lamentável e estéril – entre sionistas “políticos” e sionistas “práticos”. Embora os primeiros se declarassem todos a favor do trabalho prático na Palestina, e os segundos assegurassem não querer de modo algum negar o caráter político do movimento, cada grupo desconfiava das intenções do outro, criticando suas ideias. Entre os “práticos” figurava então já com bastante destaque o Dr. Chaim Weizmann; nesse Congresso defendeu ele, entretanto, uma síntese das duas escolas (chamando a isso de “sionismo sintético”). E para complicar ainda mais a questão havia os que não eram nem “práticos” nem

⁶ Joanesburgo é a capital do Transvaal.

“políticos”, e sim “culturais”, como o Dr. Marcus Ehrenpreis, grão-rabino da Bulgária, que pediu ao Congresso uma definição clara sobre se o sionismo oficial era um movimento que visava “introduzir na Palestina o programa marxista, ou se o renascimento de uma nação é um fato especificamente espiritual e cultural”. (Não foi atendido.).

Principais decisões do 8º Congresso: a) estabelecer, na Organização Sionista, um Departamento Palestino, e criar em Jaffa um Palestine Office (Escritório Palestino), cujas atividades abrangeriam o fornecimento de informações relativas à Palestina, orientação a colonos e imigrantes, e auxílio para compra de terras e colonização⁷; b) considerar, para o futuro, o hebraico idioma oficial do movimento sionista. Por proposta de Wolffsohn – que alegou ser um executivo de sete pessoas espalhadas pela Europa pouco prático e eficiente – o número de membros do Executivo Central foi reduzido a três: Wolffsohn, Kann e Warburg. Para a presidência foi reeleito Wolffsohn, não obstante violenta e ruidosa oposição dos “práticos”, que o consideravam filiado à corrente dos “políticos.”

Confirmado na chefia do movimento, procurou Wolffsohn, na medida do possível, prosseguir na rota traçada por Herzl, e que podia ser resumida em três pontos essenciais: 1º) negociações políticas; 2º) conseguir para o sionismo a compreensão e simpatia das grandes potências; 3º) dar prioridade, mesmo em relação ao próprio sionismo, às questões que diziam respeito ao povo judeu em seu conjunto.

Pouco depois do Congresso de Haia dirigiu-se Wolffsohn, em companhia de um amigo – o médico e banqueiro russo Dr. Nissan Katzenelson, seu sucessor na presidência do Jewish Colonial Trust – a Constantinopla. Ali, contando com os bons ofícios de Bechor Effendi (membro judeu do Conselho de Estado turco), tentou negociar com o sultão. Este não o recebeu, mas mandou-lhe um recado: “Não posso dar a Palestina aos judeus sem mais nem menos. Mas se me acharem os 26 000 000 de libras turcas de que necessito para liquidar a dívida pública, em retribuição lhes demonstrarei minha amizade”. Mas nem Wolffsohn conseguiria

⁷ No ano seguinte a direção desse escritório seria entregue ao economista e sociólogo alemão Dr. Arthur Ruppin, cujas primeiras medidas foram a fundação da Palestine Land Development Company e a obtenção de um empréstimo, através do Fundo Nacional Judaico, para a construção de um moderno bairro residencial nas proximidades de Jaffa.

encontrar logo aquela quantia, nem o sultão teria oportunidade de demonstrar sua “amizade” pois seria deposto cerca de ano e meio depois. Todavia essa visita à capital otomana não foi de todo inútil – serviu para preparar o caminho à instalação naquela cidade, no ano seguinte, de uma filial do Jewish Colonial Trust (ver adiante).

Em meados de 1908, na Rússia tornaram-se tão sérias as restrições às atividades sionistas que estas ficaram praticamente paralisadas. Solicitada a intervenção pessoal do presidente da Organização, escreveu Wolffsohn uma carta ao primeiro-ministro Peter Stolypin, que respondeu pedindo um memorando sobre o sionismo. Remetido este, foi Wolffsohn oficialmente convidado para visitar São Petersburgo em julho. No decorrer das conversações então mantidas reafirmou Stolypin o que Von Plehve havia assegurado a Herzl: o governo russo não interferiria nas atividades dos sionistas desde que estes se limitassem ao programa referente à Palestina. (Não obstante tais garantias, a política de repressão seria mantida, de modo mais ou menos constante, pelas autoridades czaristas).

Nesse mesmo mês de julho ocorreu em Constantinopla (no dia 24) um golpe de Estado, pelo qual foi responsável um partido de tendências reformadoras, conhecido pela denominação de Jovens Turcos. Em consequência foi restabelecida a Constituição de 1876 (suspensa há mais de trinta anos) e convocado o Parlamento. Instaurava-se assim na Turquia um regime constitucional. Alguns líderes sionistas (Nordau entre eles) depositavam grandes esperanças nos Jovens Turcos, mas essas esperanças duraram pouco: o novo regime, favorecendo a centralização mais completa, opunha-se incondicionalmente ao fomento de movimentos nacionalistas dentro das fronteiras do Império Otomano, criando ainda maiores obstáculos à imigração judaica na Palestina⁸. Ao lado disso, um pequeno mas influente grupo de judeus assimilacionistas não perdia ocasião de fazer propaganda antissionista.

Com o intuito de esclarecer a opinião pública turca e, se possível, procurar influenciar os círculos políticos de Constantinopla, foi aberta nessa capital, em outubro de 1908 e sob o nome de Anglo-Levantine Banking

⁸ Não foram apenas os sionistas que se decepcionaram. Decepcionados também ficaram os nacionalistas árabes. E igualmente na política externa muitas expectativas foram contrariadas, pois os Jovens Turcos continuaram a manter o país estreitamente ligado à Alemanha.

Company, uma filial do Jewish Colonial Trust. Sua direção foi entregue a um sionista russo, o Dr. Victor Jacobson⁹, a quem caberia igualmente agir como uma espécie de emissário diplomático da Organização Sionista.

Dedicou o Dr. Jacobson atenção especial à imprensa. Com recursos fornecidos pela Organização Sionista, fundou dois jornais de língua francesa: *Le Jeune Turc* (diário, advogando, além de um programa reformista para a Turquia, autonomia para as nações que integravam o Império Otomano e uma atitude favorável ao sionismo) e *L' Aurore* (semanário sionista). Esforçou-se também por conseguir a adesão da comunidade judaica local à causa sionista, mas nisso seria frustrado pela tenaz resistência que opôs o grão-rabino de Constantinopla. Em nada se alteraria a situação quando, em abril de 1909, Abdul Hamid II foi deposto e substituído por seu irmão Mohammed V.

O ano de 1909 transcorreu sem maiores novidades até fins de dezembro, quando se reuniu – dessa vez em Hamburgo – o 9º Congresso Sionista. Wolffsohn, em seu discurso – indiretamente endereçado ao governo turco – proclamou a total compatibilidade do sionismo com a lealdade ao Império Otomano, declarando que os objetivos do movimento poderiam ser atingidos em completa harmonia com o espírito da Constituição Otomana e com o máximo respeito pelas leis e instituições do Império.

Apesar de todas as explicações e manifestações de lealdade, o governo turco não mudaria de atitude, conservando a Palestina quase inteiramente fechada à imigração judaica. Os poucos que entravam conseguiam fazê-lo principalmente devido à venalidade das autoridades turcas (e havia também as intervenções dos cônsules russos, evitando a expulsão de judeus daquela nacionalidade).

Alguns delegados ao Congresso eram, entretanto, favoráveis a uma imigração em outras partes do Império Otomano, o que os turcos estavam dispostos a permitir. Isso levou Nordau a dizer, exaltado: “Espera ansiosa é aflição, mas não é vergonha. Vergonhoso é vacilar. Num movimento que mudasse não só seus métodos mas também seus objetivos de acordo com qualquer modificação no governo turco, eu não mais reconheceria o

⁹ O Dr. Jacobson foi um dos 12 judeus eleitos para a Duma (Parlamento) de 1906 na Rússia. (Do mesmo grupo fez parte o Dr. Katzenelson).

Sionismo, e sim assimilação turca. Esse sionismo não seria mais o meu Sionismo!” E assim foi encerrado o assunto.

O Congresso concluiu seus trabalhos a 31 de dezembro, com os “práticos” lançando mão de todos os recursos (inclusive injúrias pessoais) para derrubar Wolffsohn da presidência¹⁰. Não o conseguiram, e o Executivo formado por Wolffsohn, Kann e Warburg foi reeleito.

Em julho de 1910 sofreu Wolffsohn um distúrbio cardíaco que quase lhe custou a vida. Como Herzl, entregava-se ele de corpo e alma ao movimento, com sérios prejuízos para seus interesses particulares, sua vida familiar e principalmente sua saúde¹¹.

Com o 10º Congresso (agosto de 1911) o local de reunião voltou a ser Basileia. O Congresso foi aberto por Wolffsohn, chegado diretamente de um sanatório. Disse ele:

Vossa tarefa mais importante é a nomeação de uma nova chefia. Afasto-me porque sou a isso obrigado. Tenho de fazê-lo, tanto no interesse do movimento quanto no de minha saúde debilitada, que exige repouso e não me permite continuar como primeiro servidor de nossa Organização.

Em outro discurso Wolffsohn reiterou sua decisão irrevogável de se afastar: “Eu vos peço – tratai vosso novo líder com mais consideração do que o antigo”. Quando a oposição viu que a decisão de Wolffsohn era definitiva, teve um gesto nobre e digno: todos que a compunham foram, sem exceção, abraçar o chefe que se afastava.

O número de membros do Executivo Central foi mais uma vez alterado, passando de três para cinco. Todos os então eleitos (2 alemães e 3 russos) eram adeptos do sionismo “prático”: Prof. Otto Warburg, Dr. Arthur

¹⁰ Um dos recursos favoritos da oposição era comparar Wolffsohn com Herzl. (“Se Herzl estivesse vivo”... – e lá vinham violentas críticas a Wolffsohn, acusado de inepto, despótico, irresponsável, etc.) Respondendo aos ataques, lembrou Wolffsohn a um dos delegados russos, Dr. Klausner, que houve tempo em que este chamava Herzl de mentiroso e caluniador.

¹¹ Trecho duma carta escrita por Wolffsohn pouco tempo depois: “Não fumar; não beber álcool, nem café, nem chá ou qualquer outro estimulante. Nenhum alimento picante, carne muito pouca; não falar, não trabalhar, e sobretudo nada de aborrecimentos. Por outro lado posso me distrair quanto e como queira. Conheço um lugar onde isso seria fácil – o túmulo. Mas enquanto estiver entre os vivos será bem difícil seguir os conselhos médicos”.

Hantke, Dr. Victor Jacobson, Dr. Schmarya Levin¹² e Nahum Sokolow. A chefia do Executivo (e portanto de toda a Organização) coube ao agrônomo Prof. Otto Warburg (membro de destacada família de banqueiros alemães), transferindo-se em consequência a sede do Executivo de Colônia para Berlim.

Dedicou-se o novo Executivo à continuação de vários empreendimentos iniciados na Palestina por administrações anteriores e à expansão e propagação do movimento, tendo para isso um de seus membros (o jornalista Nahum Sokolow) ido como emissário aos Estados Unidos.

Foi justamente nos Estados Unidos que ocorreu, em fevereiro de 1912, a fundação de uma instituição que viria a realizar na Palestina uma obra magnífica de benemerência, principalmente no campo da assistência médica: a Hadassah (Organização Sionista Feminina Americana), criada com a finalidade de elevar o nível das condições de saúde na Palestina e de encorajar o desenvolvimento de uma vida judaica na América, fomentando ao mesmo tempo os ideais do judaísmo. Logo na primeira reunião uma das fundadoras, Srta. Eva Leon, chamou atenção para o problema a que a Hadassah dedicaria seus melhores e mais bem sucedidos esforços – a falta de hospitais na Palestina; informou ela nessa ocasião que lá havia uma única maternidade, que, em troca de seus cuidados, exigia o batismo das crianças.

Foi em Viena que se reuniu, de 2 a 9 de setembro de 1913, o 11º Congresso Sionista. Pela primeira vez não se ouviu, no dia de abertura, o tradicional discurso de Nordau, cujas brilhantes peças oratórias já se haviam tornado uma atração das sessões inaugurais. Nordau não comparecera, e sua ausência era intencional – como “político” queria deixar bem clara sua oposição aos “práticos”, desde o Congresso anterior na chefia do movimento.

O Dr. Moses Gaster (delegado inglês) rebateu as acusações – disseminadas com certa frequência e insistência nos meios diplomáticos e jornalísticos britânicos – de que os sionistas serviam à política do Império Alemão:

O sionismo não é um movimento alemão. Quero que o compreendam, porque ele foi assim descrito pela imprensa inglesa a começar pelo

¹² Schmarya Levin foi outro dos judeus eleitos para a Duma de 1906.

Times. Tem-se dito que seu centro é a Alemanha, e que os sionistas servem aos interesses políticos alemães... Lutamos por toda parte para tornar bem claro que não nos sentimos nem alemães, nem ingleses, nem franceses, nem russos, mas que nossos sentimentos e pensamentos são só e exclusivamente judaicos.

Chaim Weizmann manifestou seu ceticismo em relação às grandes potências:

A maior dentre as Grandes Potências com que temos de lidar é o povo judeu. Dessa Potência esperamos tudo; das outras Potências muito pouco.

O diretor do Departamento Palestinese, Dr. Ruppín, fez séria advertência sobre um problema gravíssimo que até então merecera escassa atenção dos líderes sionistas: o das relações entre judeus e árabes¹³.

Como decisão prática houve a aprovação de uma proposta de Weizmann e Ussishkin no sentido de se criar uma Universidade Hebraica em Jerusalém.

Wolffsohn (presidindo o Congresso) foi o último a fazer uso da palavra, dando por findos os trabalhos: “Encontrar-nos-emos novamente no 12º Congresso. O 11º Congresso está encerrado”. Naquele momento certamente nenhum dos presentes poderia imaginar que transcorreriam oito anos antes que o Congresso Sionista pudesse reunir-se outra vez, e que ao próprio Wolffsohn, que pronunciara aquelas palavras com tanta convicção, restava apenas um ano de vida. (Wolffsohn faleceu a 15 de setembro de 1914 – tinha então 57 anos incompletos – sendo, de acordo com seu desejo, sepultado ao lado de Herzl; em testamento pediu que de sua lápide constassem apenas o nome, datas de nascimento e morte, e as palavras “Sucessor de Herzl, Presidente da Organização Sionista.”¹⁴)

Menos de um ano após o encerramento do 11º Congresso eclodia a Primeira Guerra Mundial. Ao lado das grandes transformações políticas, econômicas e sociais que acarretou, o conflito não deixaria também de

¹³ Alguns meses depois Sokolow visitaria o Egito e a Síria, propondo aos nacionalistas árabes – aliás sem qualquer êxito – um esforço conjunto árabe-judaico para desenvolver os recursos da Palestina em benefício mútuo.

¹⁴ Em 1952 os restos mortais de Wolffsohn foram transportados para Israel, e ali sepultados no Monte Herzl, perto do jazigo de Herzl. (Junto, também, o túmulo de Nahum Sokolow).

influenciar profundamente o movimento sionista, cujos rumos se tornariam então bem mais definidos. Mas antes de concluirmos o capítulo julgamos útil uma vista rápida sobre o que já havia sido realizado, por essa época, pelos imigrantes judeus na Palestina.

Nos anos que precederam a grande conflagração, a colonização judaica na Palestina – à qual o fracasso da revolução de 1905 na Rússia deu forte impulso, pois muitos jovens proletários judeus, que haviam perdido a esperança de liberdade sob o czarismo, decidiram dedicar suas energias à reconstrução da terra dos seus antepassados – fizera considerável progresso, principalmente em relação à agricultura. Em 1900 o barão Rothschild transferiu a direção e o controle de todas as suas colônias palestinas à Jewish Colonization Association, que introduziu nas mesmas um sistema administrativo simplificado e métodos agrícolas mais racionais (Rothschild, entretanto, continuaria prestando a essas colônias uma ajuda a que se achava indubitavelmente melhor capacitado: ajuda financeira). E em 1906 Aaron Aaronsohn (a maior autoridade em assuntos agrícolas na Palestina e regiões vizinhas, já com renome internacional nos meios científicos) estabeleceu em Atlit, localidade litorânea ao sul de Haifa, o primeiro centro agrícola experimental de todo o Oriente Médio¹⁵.

Concepções ocidentais de crédito foram introduzidas na Palestina pela Anglo-Palestine Company (mais tarde Anglo-Palestine Bank), que concedia empréstimos a longo prazo e juros baixos; com sede em Jaffa, em poucos anos possuía filiais em Jerusalém, Haifa, Hebron, Safed, Tiberíade e até Beirute.

No campo da educação temos a destacar, de início, um empreendimento do sionista inglês Jacob Moser. Fez ele construir, em terreno adquirido pelo Fundo Nacional Judaico perto de Jaffa, uma escola secundária – o Ginásio Herzl – a primeira escola moderna em que todas as matérias eram lecionadas em hebraico; entre seus primeiros alunos figurava Moshe Shertok (depois Sharett). Cumpre assinalar aqui não ter sido fácil a introdução da língua hebraica na Palestina; foi preciso, a princípio, enfrentar forte oposição dos elementos ortodoxos, que consideravam

¹⁵ Esse centro agrícola seria destruído pelos turcos durante a Primeira Guerra Mundial. Aaron Aaronsohn viria a falecer prematuramente, aos 43 anos, quando o avião militar britânico que o conduzia de Londres a Paris para ali assistir à Conferência da Paz caiu no canal da Mancha.

sacrilégio a utilização desse idioma para fins não religiosos. (Oito anos depois, entretanto, o número de estabelecimentos de ensino que usavam como língua básica de instrução o hebraico já atingia a 60, com um total de 2.600 alunos).

Em 1906 o escultor lituano Bóris Schatz fundou em Jerusalém a Escola de Artes e Ofícios Bezalel (dedicada ao ensino de tecelagem, marcenaria, ourivesaria e trabalhos em metal e marfim). E já em vésperas da Primeira Guerra, graças principalmente a uma substancial doação do milionário russo David Wissotzky, fundou-se em Haifa uma das mais importantes instituições educacionais do país: o Technion (Escola Técnica)¹⁶.

A Palestine Land Development Company (fundada, como vimos, em 1908) criou em Kinneret e Tiberíade colônias especiais para treinamento agrícola. Também em Kinneret foi estabelecida uma colônia experimental feminina destinada à horticultura e criação de aves domésticas. (Tão grande era já o contraste entre as colônias judaicas e o restante do país que T. E. Lawrence – que viria a se tornar famoso como autor de *Os Sete Pilares da Sabedoria* – não se conteve diante do estado de abandono a que se achava relegada a maior parte da Palestina, escrevendo: “Quanto antes os judeus cultivarem-na toda, tanto melhor – suas colônias são oásis num deserto”).

Do ponto de vista do desenvolvimento urbano merece destaque um episódio ocorrido em 1909. Um grupo de 60 famílias judaicas de Jaffa, cansadas da dominação cultural turco-árabe e desejosas de conseguir condições de vida (principalmente sanitárias) mais satisfatórias do que as proporcionadas pela cidade em que residiam, adquiriu, com auxílio do Fundo Nacional Judaico, um pedaço de terra entre as dunas situadas ao norte de Jaffa. Ali estabeleceram um subúrbio, construindo algumas centenas de casas e, no centro, uma escola. Foi assim que nasceu a cidade que se tornaria a mais progressista da Palestina e um dos mais importantes centros culturais do Oriente Médio: Tel Aviv¹⁷.

¹⁶ Com relação ao Technion é interessante lembrar que em 1913 uma proposta para tornar o alemão idioma de instrução para assuntos científicos provocou no país uma greve de professores, o que constituiu um dos episódios mais significativos do movimento para reviver o hebraico como língua de uso cotidiano.

¹⁷ Tel Aviv, em hebraico, quer dizer Monte da Primavera.

Aos poucos ia-se criando uma forma nova de colonização, baseada em sistema cooperativista. As colônias desse novo tipo – das quais Degânia, fundada em dezembro de 1909, foi a primeira – receberam a denominação de *kvutzah* (isto é, grupo). Todos os membros de uma kvutzah eram conjuntamente proprietários da terra que cultivavam, sendo os lucros, pertencentes a todos em comum, aplicados no melhoramento e desenvolvimento da colônia em benefício de todos; qualquer trabalho assalariado era completamente excluído. Esse sistema de colonização recebia entusiástico encorajamento da Organização Sionista. (Teremos oportunidade de voltar ao assunto – vide capítulo VI).

Um sério perigo para as colônias judaicas eram os ataques dos beduínos. A princípio a maioria das colônias recorria à prática desmoralizante do *backchich*, que consistia em comprar ao xeque mais forte das aldeias vizinhas proteção contra outras aldeias árabes. Mas em 1907 um pequeno grupo de judeus russos – entre eles David Ben-Gurion e Itzhak Ben-Zvi – fundou uma associação de vigilantes montados (destinados principalmente a patrulhamentos noturnos) que tomou o nome de Hashomer (Sentinela). Constituída inicialmente de apenas dez membros – e tendo como únicas armas um fuzil, um revólver e um punhal – essa organização secreta foi crescendo, conseguindo seus integrantes aos poucos fazerem-se respeitar pelos beduínos (chegando mesmo a rivalizar com eles em habilidade equestre).

A população judaica da Palestina, em 1914, era de aproximadamente cem mil (cerca de 15% da população total do país), dos quais uns doze mil se dedicavam à agricultura, espalhados por mais de 40 colônias. Já se podia notar a esse tempo, entre os judeus, os primórdios de associações trabalhistas e de uma comunidade organizada.

E os árabes da Palestina? Possuíam eles naquela época qualquer sentimento nacionalista? Com exceção de um número reduzidíssimo de indivíduos privilegiados, com educação ocidental, essa espécie de preocupação estava neles completamente ausente. Afirmo o reverendo James Parkes, profundo conhecedor da história da Palestina: “Tratando do período anterior a 1914, temos de reconhecer que a massa da população não possuía um verdadeiro sentimento de pertencer a qualquer unidade mais ampla que sua aldeia, clã ou possivelmente confederação de clãs”. E outra autoridade, o americano Oscar Gass, declara:

O felá era demasiado pobre, ignorante e estreito em sua visão para ser um nacionalista consciente... Muitas aldeias árabes consistiam inteiramente de camponeses desesperadamente endividados a um efêndi urbano, que poderia residir em Beirute, Cairo ou até mesmo Paris; essa gente, na realidade, não passava de escravos, qualquer que fosse sua situação legal ou nominal. Um nacionalismo árabe sem conteúdo social e econômico estava além de sua compreensão e interesse.